

## **REFLEXÕES DE UM RELATO DE EXPERIÊNCIA ACERCA DA TEMÁTICA: Disciplinamento dos corpos**

Nágila Ferreira dos Santos Souza  
FEESU/FUPAC  
[nagilaferreira@hotmail.com](mailto:nagilaferreira@hotmail.com)

Bill Robson Monteiro Lisboa  
FEESU/FUPAC  
[billrobsonmg@hotmail.com](mailto:billrobsonmg@hotmail.com)

### **Resumo** Expandido

O presente texto é fruto de uma experiência em uma aula ministrada no dia 24 de Março de 2015 pelo professor Bill Robson Monteiro Lisboa na disciplina de Antropologia, como parte integrante do componente curricular do segundo período do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação e Estudos Sociais de Uberlândia – FEESU/UNIPAC. A aula proposta teve como objetivo abordar acerca do disciplinamento dos corpos, a partir do referencial teórico da obra “Vigiar e Punir; História da violência nas prisões do autor Francês Michel Foucault. Durante a aula foi apresentadas em forma de slides imagens relacionadas aos dispositivos de disciplinamento e vigilância que os corpos estão constantemente submetidos sejam eles em prisões, manicômios, escolas etc. O autor trás em sua obra a genealogia de evolução dos processos punitivos na Era Clássica, com a Monarquia representada pelo papel do rei, ele determinava como essas punições ocorreriam, afinal quanto maior fosse à punição, o rei era considerado mais poderoso. Essas punições geralmente eram oferecidas com a técnica de suplício, técnica muito utilizada na Inquisição, onde ocorriam extensas práticas de tortura como forma de punir o indivíduo por infringir o que o rei determinava como correto para o povo. Após intensas torturas o mesmo finalizava essas punições para que todos/as pudessem ver, considerando assim um exemplo de prática coibindo os/as outros/as a não praticarem. No final do século XVII a burguesia começa a identificar que a técnica do suplício já não era tão eficaz, afinal entre o século XVIII e XIX com a Revolução Industrial precisariam formatar essas punições como meio de “adestrar os corpos” para que eles produzissem sob observação. Um dos dispositivos de vigilância era o Panóptico, ou seja, um edifício construído em forma circular que no centro havia uma torre de vigilância. Esse edifício em forma circular era composto por divisas de pequenas celas que tinham acessos tanto para dentro quanto para fora, era um mecanismo arquitetural utilizado como forma de vigiar de acordo com a necessidade punitiva das instituições. Atualmente não temos exatamente esse formato de estrutura arquitetônica, porém as diversas possibilidades punitivas que temos acesso possuem os mesmos objetivos que é de “disciplinar os corpos”. Ainda neste século XXI observamos os diferentes formatos de mecanismos de vigilância, um deles refere-se aos aparelhos de ultrassonografia que mesmo antes que tenhamos contato com as relações sociais presentes fora do ventre já somos vigiados/as para garantir que sigamos um padrão normativo, como por exemplo as cores das roupas das crianças, sendo o azul para os meninos e a core de rosa para as meninas. Outro exemplo bem claro dessa vigilância são as câmeras que estão presentes nas escolas, nas ruas, nos hospitais, nas praças, nos bancos e etc. Além do que já mencionamos nesta

escrita identificamos também o objetivo que estes dispositivos de vigilância possuem para que sigamos uma norma pré-estabelecida. Tudo que envolve uma sociedade é dotado de intervenção disciplinadora, a sociedade de uma maneira geral está constantemente vigiada, afinal a vigilância nada mais é do que uma maneira de garantir que as pessoas não descumpram seus deveres e normas que foram socialmente construídas. A sociedade dita regras de como devemos ser para que não ultrapassemos os padrões normativos considerados “corretos”, no decorrer da aula discutimos sobre algumas imagens apresentadas pelo professor. Destas imagens, destaco duas delas que quero neste texto e apresentar de que modo elas me tocaram, a primeira imagem é referente há uma vaca dependurada no galho de uma árvore enquanto outra vaca no chão a olha com o olhar assustado, dizendo basicamente que não é “normal” vemos uma vaca em cima de uma árvore, pois, isso foge das regras e padrões normativos que conhecemos e convivemos. A primeira impressão que a imagem me trouxe foi o “estranhamento” e o seguinte questionamento: uma vaca em cima de uma árvore? O que ela estava fazendo lá? Qual intencionalidade a imagem queria provocar? Depois da exposição das imagens conversamos durante a aula, que a sociedade por meio de diferentes dispositivos como as câmeras nas salas de aula e em espaços da escola, vigia e conseqüentemente pune aqueles/as que de algum modo infringem as regras e normas impostas pela sociedade. A segunda imagem refere-se há dois homens e uma mulher com uma chave de dar corda nas costas, andando de maneira mecanizada e robotizada, ou seja, somos formados/as socialmente a viver de maneira que sigamos os padrões e normas estabelecidos como “corretos”. E, ao observar a imagem, nunca havia me atentado para o que realmente essa imagem significa, e quão profundo deve ser o entendimento sobre a mesma. Afinal na maioria das vezes não temos uma formação social onde somos estimulados/as a observar o que nos cercam de maneira crítica, mas, observamos tudo de maneira “natural”, como sendo comum, internalizando posturas que na verdade não são nossas, mas, de outras pessoas que instituíram determinadas verdades como um padrão em que o todo deve seguir. Quando somos desafiados/as a sair da zona de conforto nos deparamos com um intenso estranhamento interno, porque na verdade viver sem ter o “trabalho” de pensar por si próprio/a se torna mais simples, e quando somos incitados/as a refletir e olhar para além do que acreditamos ser “verdade” nos deparamos com crenças e posturas que verdadeiramente precisam ser desconstruídas, dando espaço para olhares mais profundos, e intencionais para aquisição de conceitos e entendimentos mais reflexivos. E, é através dessas discussões que identificamos a importância de re(pensar) e sonhar porque não, como uma educação que os/as alunos/as sejam instigados/as a identificar e problematizar tais mecanismos de disciplinamento dos corpos e conseqüentemente romper com a ideia que não são meros/as reprodutores/as de informações já instituídas por uma sociedade ideologicamente “organizada” e previamente estruturada. Portanto, por meio das leituras e discussões apresentadas em sala de aula, podemos identificar o quanto essas imagens tem significados e o quanto elas nos tocam e nos afetam.

**Palavras-Chave:** Disciplinamento; Corpos; Padrões Normativos.

**Referência:**

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir:** história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 2002.